

DA CINELANDIA

VILEM FLUSSER

A cidade classica tinha por centro um distrito sagrado. Os templos e as estatuas dos deuses exerciam uma atração centripetal sobre a cidade e conferiam um caracter ritual a toda atividade. O ritmo ciclico das festas estruturava a vida, e era o distrito sacral que batia esse ritmo. Era o coração da cidade. A cidade medieval tinha a catedral por centro. O barulhar barulhento das ruelas tinha por contraponto o silencio da nave da catedral, e as cores berrantes dos trajes na feira tinham por contraponto os desenhos de rubi e esmeralda que os vitrais projetavam sobre a nave. A catedral atraia toda atividade da cidade medieval e apontava, com suas torres pontudas, aquele reino do transcendente que envolvia e inspirava a vida mundana. Era a alma da cidade. A cidade atual tem a cinelandia por centro.

Existe uma vasta literatura que se dedica ao estudo da acropole classica e da catedral gotica, mas a cinelandia não parece ter atraído, até agora, igual interesse. Não nego que, de um ponto de vista estetico, podem a acropole e a catedral parecer mais atrativas. Não nego, inclusive, que a cinelandia possa ser considerada, por alguns, repulsiva. A Diretoria do Serviço de Transito confirmaria, no entanto, a tese deste artigo, a saber: a cinelandia exerce uma atração periodica e violenta sobre dezenas de milhares de pessoas. Essa repartição municipal dedica, portanto, parte de sua atenção ao tema deste artigo. Por mais valiosas e uteis que sejam as conclusões elaboradas por essa repartição, não me parecem suficientes, por si só, para a apreciação da função central que a cinelandia exerce sobre a vida. Podem ser completadas por outros estudos, por exemplo, por aqueles do tipo chamado "filosofia". Não quero afirmar que estudos filosoficos do fenomeno "cinelandia" podem contribuir, de forma imediata e decisiva, para o problema do estacionamento, para citar um exemplo. Mas embora os resultados da filosofia não sejam immediatos (e talvez sejam nulos), sempre tem-se feito filosofia, pelo menos até agora. Não me tendo chegado ainda a noticia de que computadores possam substituir e superar filosofos, proponho a cinelandia como tema dessa especulação duvidosa.

A cidade classica e medieval são organismos, a cidade atual é aparelho.

A cidade classica nasceu por necessidade ("ananké") e cresceu ordenadamente como tudo na natureza ("physis"). O cidadão é órgão desse organismo. A cidade é a mãe, e é por isto que Sócrates prefere a morte à traição à mãe, mesmo quando esta erra. A cidade medieval é um rebanho que se aglomera em redor do pastor para ser protegido do mal e conduzido até as pastagens da eternidade. É por isto que tanto a cidade classica como a medieval têm estruturas ("Gestalten") definidas. Dizer que acropole e catedral são centros dessas estruturas é definir-lhes a posição quase literalmente. A cidade atual é resultado do esforço manipulador do homem. Ela é, mais exatamente, o lugar no qual são colocados os instrumentos. Esses instrumentos estão de certa maneira coordenados entre si e sincronizados. Por exemplo: os onibus estão de certa maneira coordenados e sincronizados com as padarias. Instrumentos coordenados chamam-se "aparelhos". Sendo aparelho a cidade atual, não pode ser definida estruturalmente, mas funcionalmente. Dizer que a cinelandia é o centro da cidade atual é definir-lhe a função dentro do processo que é a cidade. A cinelandia não ocupa, portanto, necessariamente, o centro geografico da cidade. Com efeito, a situação é a seguinte: há um centro nervoso (a cinelandia propriamente dita) e ganglios que se espalham pela cidade (cinemas de bairro). Chamemos portanto a cinelandia de sistema nervoso da cidade.

A cinelandia pode ser vivenciada em duas atmosferas: a diurna e a noturna. Ou como diria Jaspers: com a razão fria do dia, ou com a paixão quente da noite. Consideremos primeiro a cinelandia noturna, isto é, apaixonadamente. A luz nervosa, cintilante e fantástica dos anuncios luminosos pervade a atmosfera. A palidez colorida dessa luz problematiza a paisagem de maneira a um tempo patologica e pecaminosa. Transforma pessoas e coisas em fantasmas de um certo tipo: as pessoas em fantasmas nervosos e excitados, as coisas em fantasmas provocadores e sedutores. O efeito da luz é excitar desejos e transformar realidade em ilusão, e é visando esse efeito que a luz foi projetada. O apelo da luz dos anuncios, e das coisas substituidas nessa luz, dirige-se diretamente ao sistema nervoso das victimas chamadas "a gente".

É pela excitação dos nervos sensoriais da "gente" que a cinelandia suga a seiva da cidade: o dinheiro. Procura eliminar, ou pelo menos diminuir, a participação do cerebro da "gente" no processo cinelandico em curso. Este funciona subliminarmente. Uma participação do cerebro; por exemplo na forma da leitura e da captação do significado dos anuncios, é perigosa para a cinelandia, já que chamaria a atenção para o nível intelectual do processo. O nível intelectual da cinelandia corresponde ao nível do denominador-comum mais baixo da "gente". Este nivelamento para baixo, e que se processa sub-repticiamente, é justamente a função da cinelandia no conjunto da cidade. Neste sentido ela forma o seu substrato.

Essa luz fantastica concentra-se em pontos culminantes, entradas dos cinemas. Esses lugares são caracterizados por dois fenomenos curiosos e preñhes de significado para o fu-

turo. O primeiro é um novo tipo de ser, que surgiu por geração espontânea, é vermiforme, retorrece-se aparentemente por dores intestinais constantes. Tem propósito obstinado e monomaniaco (a "bilheteria") e chama-se "fila". É possível que esse ser venha a substituir, futuramente, pela regra darwiniana, a humanidade. O segundo fenômeno são as fotografias que ornamentam as entradas. Trata-se de ícones de ídolos antropomórficos em posições geralmente lascivas, que anunciam filmes futuros, e, talvez, uma forma nova de religiosidade.

Transposta a entrada, e vencida a barreira na qual a "gente" sacrifica o obolo, abre-se uma cena inteiramente nova. Na quase escuridão de uma caverna chamada "plateia" uma multidão de fiéis sentados em cadeiras dispostas de maneira geométrica e cartesiana contempla silenciosa, sombras gigantescas e barulhentas que se agitam na parede oposta. O rito que estou descrevendo se chama "espetáculo", e os fiéis "espectadores". Penetramos, com efeito, no santíssimo da cinelândia, ao termos penetrado na caverna. É esta a festa para a qual as multidões confluem de todos os horizontes da cidade, é para a participação dessa festa que desafiam os perigos do trânsito e as inclemências do tempo, e é em função dessa festa que a "gente" é transmutada milagrosamente em fila. O que festeja a festa e o que simboliza o rito?

As festas clássicas na acrópole festejavam a natureza, e seus ritos simbolizavam aspectos da natureza. As festas medievais na catedral festejavam

e que transcendem a natureza, e seus ritos simbolizavam o transcender da natureza. A festa atual na cinelândia festeja o homem enquanto sujeito, e seus ritos simbolizam a adequação desse sujeito ao seu objeto. As cavernas dos cinemas são os lugares nos quais é representada, simbolicamente, a situação do homem moderno. É a situação do sujeito que é lançado contra um mundo objetivo. Mas o cinema inverte a situação do homem moderno. No cinema o mundo objetivo é lançado contra o sujeito. É por isto que se fala em "lançamentos" de filmes e em cinemas "lançadores", naquele jargão sangrento e brutal que caracteriza a atualidade. Invertendo a situação, transforma o cinema o sujeito em espectador, e o mundo objetivo em espetáculo projetado. Invertendo as funções da equação "sujeito — objeto", estabelece portanto o cinema uma situação de realidade derradeira do sujeito. O sujeito transformado em espectador, e o mundo transformado em espetáculo projetado, são as metas e os ideais da Idade Moderna. É o homem, como consumidor perpetuo, enfrentando o mundo como aparelho automático, produtor de sensações e gozos. No cinema a "gente" participa, desde já, da plenitude dos tempos. O cinema festeja ritualmente a adequação derradeira do sujeito ao objeto, isto é, festeja o paraíso.

A quase escuridão da plateia, a ordem geométrica das cadeiras, e a fila como iniciação à plateia, são ritos destinados a suprimir os últimos vestígios de individualidade que porventura ainda aderem ao homem moderno. O homem-espectador dispensa, soberano, "personalidade", herança su-

perada do Renascimento. No cinema o homem mergulha na massa amorfa da "gente", derradeira síntese dialética do processo chamado "progresso".

A "gente" é o denominador comum mais baixo de todas as pessoas. No cinema todas as pessoas são niveladas, ritualmente, ao plano da "gente". O cinema liberta do peso da pessoa e da personalidade. O cinema é portanto uma festa libertadora e purificadora. A cinelândia, como distrito dos cinemas, é o distrito sagrado da cidade moderna. É pelo menos assim que ela se apresenta à "paixão quente da noite".

E se fôr vista pela "t.ção fria do dia"? Na luz sobria do sol (o qual ainda ilumina a cidade moderna periodicamente, embora uma camada protetora de gases benzolíticos já sirva de defesa), a cinelândia se apresenta tristemente profana.

Nas suas ruas diurnas sopra o vento da solidão que aglomera, de vez em quando, às portas dos cinemas alguns grãos daquela areia movediça chamada "humanidade moderna". A vassoura do tédio e do desespero varre esses grãos para as cavernas das plateias. Dispersos nas cadeiras distribuídas "more geométrico" procuram essas existências isoladas a ilusão da comunhão e abrigo. A desproporção dessas figuras pateticamente accoradas no vazio da caverna com as sombras gigantescas e dominadoras na tela acentua a situação desabrigada. Mas aparecem, nessa cena desolada, relâmpagos de autenticidade. São os casais de namorados, os quais, em sua ansia de perpetuar o gênero humano, se infiltram no santíssimo da cinelândia com propósitos inteiramente alheios.

Desprezam esses seres de um mundo diferente os ritos cinelândicos, e são portanto perseguidos pelos guardas do templo. E há na plateia diurna, de vez em quando, a manifestação de uma incursão bárbara daquela tribo nomádica chamada "devoradores de cachorros quentes". Mas essa invasão é apenas aparente. O desprezo pelos ritos que estes hunos ostentam é pose, já que são movidos pelo mesmo tédio e desespero dos fiéis ortodoxos. Os namorados são representantes de uma humanidade arcaica, prestes a ser superada hegelianamente por um processo do qual a cinelândia é a ponta da lança. Os devoradores de cachorros quentes são produtos desse processo, e representam prenúncios de uma humanidade nova, o raiar de uma nova aurora.

A visão diurna da cinelândia como abrigo ilusório contra o tédio e o desespero parece contrastar com a visão noturna da cinelândia como festa da plenitude dos tempos. Mas o contraste é aparente. Na realidade trata-se de duas faces da mesma moeda. A cinelândia é o lugar cultico da cidade moderna. É portanto o lugar das festas, mas também das preces isoladas. Acolhe toda noite a massa festiva das filas, mas acolhe igualmente, toda tarde, os aflitos e desolados. No fundo, bem no fundo, não há diferença entre noite e tarde. As filas festivas, se analisadas, demonstrarão que consistem de aflitos e desolados. E os aflitos e desolados, se amontoados, cristalizar-se-ão em filas. É que o culto cinelândico é o culto da ilusão e da irrealidade. Os seus fiéis são seres que já não são homens e ainda não são fantasmas. São "gente". São mutantes de um processo mutatório que tem a cinelândia por foco. É neste sentido dinâmico e funcional que a cinelândia é o centro da cidade moderna.

Arqueólogos pesquisam as acrópoles da Antiguidade. Críticos de arte visitam as catedrais góticas para explicá-las. Mas há também os turistas. São os emissários da cinelândia às suas próprias origens. Transformam acrópoles e catedrais em espetáculos, porque são espectadores. Desta forma engloba a cinelândia o seu próprio passado. Com efeito: o passado não passa de cinerama. E o futuro já está realizado pela transformação do mundo em espetáculo projetado. Com efeito: o futuro não passa de "sessão". Isto é, de acontecimento espírita e cinematográfico planejado. É neste sentido, englobando passado e futuro, que o cinema é não somente a arte, mas também a religião do presente. É neste sentido, igualmente, que a cinelândia é o centro da cidade. É por isto que um estudo existencial da cinelândia urge. Revelará alguns aspectos fundamentais do homem da atualidade. Revelará aspectos análogos aos que fizeram com que Sócrates bebesse o veneno. É para esse tipo de estudo que o presente artigo procurou despertar a curiosidade e a vontade criadora dos leitores.